

# OS CAMINHOS PERCORRIDOS DA PEDAGOGIA DO OPRIMIDO À PEDAGOGIA DA OPRIMIDA: DA MADRESPOSA À SUJEITA FEMINISTA

Daniele Rehling Lopes<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente trabalho visa discutir alguns resultados iniciais de intervenções feministas realizadas em 2015, dentro de um espaço de educação popular que se propõe libertador, que é o projeto de extensão da Universidade Federal de Pelotas, Desafio Pré-vestibular. A metodologia utilizada para os encontros foram oficinas que debatiam os diferentes temas ligados às questões de gênero, como construções dos papéis femininos e masculinos, debate sobre violência sexista, racismo e patriarcado, entre outros. As atividades ministradas fazem parte de uma pesquisa mais ampla que está sendo desenvolvida no Mestrado em Educação, e o recorte proposto aqui para ser investigado e discutido diz respeito ao empoderamento feminino das educandas, sua influência no cotidiano do curso popular, e por fim a reformulação da pedagogia do oprimido visando uma *pedagogia da oprimida*, que caminha para a transformação das mulheres de *madresposas* em sujeitas feministas.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho busca investigar os resultados de oficinas sobre feminismo realizadas no Projeto de Extensão Curso Popular Desafio Pré-vestibular da Universidade Federal de Pelotas no ano de 2015. Trata-se aqui de um recorte de uma pesquisa maior que está sendo desenvolvida no Curso de Mestrado em Educação da UFPel, onde essa experiência tem sido problematizada com o objetivo de propor e refletir sobre a construção de uma pedagogia feminista, uma *pedagogia da oprimida*, que não é *para* as oprimidas e sim *com* as oprimidas. O projeto de extensão Desafio Pré-vestibular existe há 22 anos na Universidade Federal de Pelotas e tem como origem e princípios na sua construção a educação popular como compreensão metodológica, política e crítica da educação.

---

Bacharel em Ciências Sociais e Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Pelotas.

Assim, no ano de 2015, se inicia a partir da demanda de educandas do curso, da turma na modalidade extensivo no turno da tarde, oficinas e debates sobre as diferentes temáticas do feminismo, com o intuito de dialogar com a parcela da população que não é universitária, sobre desigualdade de gênero e as diversas formas de violências sofridas pelas mulheres. Tendo também como propósito, compreender o papel central que uma proposta popular de educação, como é o caso do Desafio, tem efetivado ou não em relação aos debates de opressões históricas e sociais.

### **PROPOSTA METODOLÓGICA: DAS INTERVENÇÕES À INVESTIGAÇÃO – REFLEXÃO-AÇÃO**

Tendo em vista que o objetivo central da pesquisa é compreender e avaliar as oficinas pedagógicas desenvolvidas a partir da perspectiva feminista no Desafio Pré-vestibular, buscando investigar se as ações realizadas auxiliaram na formulação de uma *pedagogia da oprimida*, considerando o empoderamento feminino, as vivências e inquietações das educandas do curso, as relações conflituosas existentes historicamente sobre o *ser mulher*, e principalmente das relações de poder que perpassam as histórias de vida dessas sujeitas, é que optou-se pela pesquisa qualitativa, a qual se mostra, uma ferramenta essencial para as descobertas aqui pretendidas e mais especificamente a pesquisa participante, por compreende-la de forma não imparcial e que estabelece outras relações de pesquisa, como a não mais dicotomia pesquisador-objeto, mas sim horizontalmente, sujeito pesquisador - sujeito participante da pesquisa (BRANDÃO, 2006).

Dessa forma, a coleta de dados sobre as avaliações das oficinas a partir das educandas do curso, ocorreu através das anotações que estas fizeram ao final de cada oficina, quando solicitadas a escreverem sobre o que haviam achado, como haviam se sentido após as atividades e também através do meu diário de campo, onde foram descritas pontos importantes da observação realizada.

Foram realizadas até o momento, quatro oficinas “mistas” (ou seja, em que participaram tanto meninos quanto meninas) e quatro oficinas “autorganizadas” (a participação era exclusivamente feminina) com temas variados relacionados com questões de gênero. Nas oficinas mistas foram debatidos os seguintes temas: no primeiro encontro foi discutido o que é o feminismo; na segunda oficina a temática desenvolvida

foram as diferentes formas de violências contra as mulheres; já na terceira aprofundou-se o tema da relação entre racismo e patriarcado; no quarto e último encontro até o momento, debateu-se direitos sexuais e reprodutivos das mulheres.

Já nas oficinas autorganizadas, as temáticas foram, respectivamente: nos dois primeiros encontros sobre as histórias de vida das educandas (onde cada menina construía sua “linha do tempo” e debatíamos sobre como todas havíamos sido criadas em um padrão de feminilidade); relacionamentos abusivos; e por fim, até o presente momento, realizamos uma oficina de confecção dos “diários feministas” individuais e um “diário feminista” coletivo.

A proposta dos diários individuais é que elas respondam (ou tentem responder todos os dias) a três perguntas centrais: 1) eu sofri com o machismo hoje? De que forma ele se manifestou? e 2) Caso eu tenha sofrido, de que forma eu o enfrentei ou me posicionei? Dessa forma, o intuito é de que esse diário possa ser um momento de desabafo mas também de compreensão sobre o possível avanço no empoderamento, no decorrer das oficinas. Da mesma forma, o diário coletivo, que a cada encontro será levado para casa por uma menina diferente, com a possibilidade de livre manifestação, visa a interação entre as realidades cotidianas das meninas, e que sirva como um espaço em que elas possam se enxergar e se identificar coletivamente.

Esse trabalho, como dito anteriormente, é um recorte da pesquisa mais ampla que investigará as oficinas feministas realizadas no curso popular Desafio, na construção que iniciou em 2015 mas que pretende ter continuidade no ano de 2016. Assim, a proposta apresentada é a discussão sobre as possíveis transformações que podem ter ocorrido até o presente momento, nesse curto período de intervenção e avaliação, no que diz respeito à árdua caminhada entre a *madresposa* e a sujeita feminista, a partir de uma nova proposta pedagógica dentro do curso.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO:**

### **DESCOBERTAS DIALÉTICAS DO FAZER COLETIVO**

A cada encontro, portanto, foi realizado uma avaliação escrita ao final, onde as e os participantes poderiam colocar as suas sugestões, impressões, compreensões, sentimentos, diversas manifestações ocasionados pela oficina. Assim, na presente

discussão será abordada uma visão mais geral das oficinas, com um enfoque nas oficinas autorganizadas, e conseqüentemente nas falas e participações das educandas mais efetivamente.

A iniciativa de se constituir um momento onde só meninas participariam do debate surgiu das educandas. Principalmente pelo ainda latente silenciamento feminino reproduzido pelos homens, onde foi possível acompanhar que nas duas primeiras oficinas, por exemplo, estavam presentes em torno de quinze meninas e cinco meninos, e na maior parte do tempo foram os homens que falaram sobre as temáticas que estavam sendo discutidas. Para a construção do feminismo é imprescindível que os homens participem do processo de desconstrução, entretanto devido ao processo de socialização subalternizante, pelo qual nós mulheres somos constituídas, faz-se necessário encontros e debates de construção política e pedagógica que fortaleça a identidade feminista coletiva, onde seja possível algo mais confortável e livre para oportunizar falas sobre violências e das histórias de vidas dessas mulheres: essa é a concepção de autorganização.

Assim, as categorias principais de análise que apareceram entre os resultados provocados nas meninas, estavam relacionadas com: uma maior segurança pra enfrentar as desigualdades cotidianas; maior conhecimento sobre o assunto que diz respeito diretamente com a vida delas; descoberta das possibilidades de luta e de resistência que até então eram desconhecidas e como isso fomentou mais coragem nelas; a ausência desse debate em todas as esferas da vida social e a satisfação delas em poder ter esse espaço para discutir dentro de um local, que por exemplo, seria apenas para auxiliar na entrada à Universidade.

De uma forma geral as avaliações escritas pelas meninas indicam a importância desses espaços e que eles produzem não só conhecimento ou trazem informações, mas motivam e encorajam mais mulheres a enfrentarem as desigualdades sociais colocadas, o que implica de uma forma coletiva e individual no empoderamento feminino, pois está consolidada socialmente uma estrutura social e sexual de “contrato de submissão” que não diz respeito apenas à esfera privada, como é difundido normalmente, pois o patriarcado, - poder baseado na suposta superioridade masculina – está sim, intimamente relacionado com o público, e não menos, está impregnado no Estado de uma forma geral. (SAFFIOTI, 2004)

Para desnaturalizar a dominação-exploração das mulheres e assim, consequentemente enfrentar as diferentes formas de violência contra elas, é necessário um conjunto de ações que problematizem essa patriarcalização das esferas sociais, para irmos no sentido contrário, o da despatriarcalização e libertação.

E é nesse sentido de construção pedagógica engajada pelo poder dominante, em inúmeras tentativas de subalternização de alguns grupos em detrimento da manutenção de privilégios de outros, é que ocorre o processo de naturalização da superioridade masculina tendo suas justificações legitimadas por esse poder patriarcal através da construção social da inferioridade feminina, que é naturalizada na nossa sociedade. (SAFFIOTTI, 1987).

A problematização que este trabalho busca avançar é centralmente no debate histórico de educação libertadora que Paulo Freire (2011) nos propõe, pensada como o método da Pedagogia do Oprimido enquanto ferramenta de empoderamento dos/as educandos/as numa outra forma de compreender o ensinar-aprender a partir do diálogo, da contextualização e compartilhamento de saberes, mas que de forma muito sutil e frágil, pouco desenvolveu ao longo do tempo a perspectiva de introduzir as temáticas de gênero/raça/sexualidade na sua formulação, ainda que o debate de classe, - principal direcionamento da educação popular – não seja menos importante, é preciso reinventar os processos pedagógicos a partir das demandas que surgem. E é nesse sentido que inovadoramente nasce a pedagogia feminista, pensada numa perspectiva da “pedagogia da oprimida”, que é de acordo com Sanderberg,

[...] entendida como o conjunto de princípios e práticas que visa conscientizar indivíduos, tanto homens como mulheres, da ordem patriarcal vigente em nossa sociedade, dando-lhes instrumentos para superá-la e assim, atuarem de modo a que construam equidade entre os sexos. (SANDERBERG, 2006, p.46)

A *madresposa* de acordo com Marcela Lagarde (2005), está intimamente relacionada com o processo de socialização inferiorizante das mulheres, onde muitas vezes, sem ter consciência sobre, as mulheres reproduzem atitudes e posturas que mesmo que elas não tenham filhos ou maridos, estarão submetidas a execução das tarefas relacionadas à “economia do cuidado”, incorporando portanto a “personagem” da *madresposa*. Na corroboração desse processo histórico, observamos que ao longo das oficinas, as educandas trouxeram, principalmente nas oficinas autorganizadas, na história das suas vidas, esse “contrato” do que é “ser mulher”, enquanto fiel *madresposa* nessa

sociedade, que é resultado principalmente do projeto educacional que temos, fundado na educação opressora, hierárquica e filha do sistema patriarcal.

Entretanto, as falas das participantes das oficinas nos trazem uma nova esperança de construirmos *outra pedagogia para outros sujeitos*, como salienta Miguel Arroyo (2012), e a possibilidade das oficinas pedagógicas feministas auxiliarem nesse caminho, desconstruindo relações de poder historicamente consolidadas, edificando a sujeita feminista, que arduamente “se despede” da *madresposa*. Como coloca a educanda após nosso primeiro encontro,

*A oficina foi a parte mais importante de todo o Desafio, pra mim. A conversa sobre o machismo hoje em dia e antigamente, me fez ver que nós mulheres, devemos lutar todos os dias para marcar nosso lugar na história.*

A concepção da sujeita feminista, e portanto, da reformulação a partir da *pedagogia da oprimida*, precisa ser estabelecida e problematizada não através da educação bancária, “conteúdista”, que Freire (2011) já nos alertara ser ferramenta do poder hegemônico, que apenas entende os indivíduos enquanto receptores do conhecimento, mas deve ser uma construção libertadora e emancipatória em todos os sentidos, desde os princípios até o método, e no método entende-se que a construção pedagógica feminista, não poderá ser apenas educadoras/es ou militantes feministas falando para as educandas sobre feminismo, mas fundamentalmente, as educandas protagonizando esse momento, numa construção que já não é mais *para*, mas *com* elas e eles.

Sendo assim, o objetivo das intervenções é, além de fomentar o empoderamento feminino nas educandas, de propiciar que elas se autorganizem e possam ministrar, logo que se sentirem confortáveis para tanto, oficinas feministas vindouras, pois a partir desse ciclo de atividades, o protagonismo na mediação se torna fundamental para também protagonizarem, individual e coletivamente, os enfrentamentos cotidianos, se fortalecendo cada vez mais, enquanto sujeita(s) feminista(s).

No que tange à responsabilidade política e social do projeto Desafio Pré-vestibular com a temática de gênero, espaço que tem em sua formulação e origem os princípios da educação popular e libertadora de Paulo Freire, algumas mudanças pequenas já podem ser notadas, a partir dessas intervenções iniciais, como a participação de educadores/as

nas oficinas e propostas de implementar no currículo do curso a temática de gênero e sexualidade. É importante ressaltar que, mesmo dentro de um curso popular, com um viés de atender principalmente às classes subalternizadas, é preciso levar em consideração que colaboradores do projeto de uma forma geral poderão reproduzir machismo dentro e fora da sala de aula, devido a todo o processo de socialização descrito anteriormente. Até mesmo Paulo Freire, como já colocado, vai incorporar algumas questões de gênero em sua teoria, anos depois de suas obras principais. O que não significa de forma alguma que esse é um debate secundário, mas sim, que a partir da luta e pressão do movimento feminista ao longo da história, a visibilidade vem sendo desvelada, da mesma forma acontece dentro de espaços institucionais e inclusive dos movimentos sociais: os/as sujeitos/as oprimidos/as ao passo que se empoderam, individual e coletivamente, vão colocando suas demandas e suas resistências para a construção de uma outra sociedade, radicalmente diferente dessa.

## **CAMINHOS PERCORRIDOS E SUAS POSSIBILIDADES**

Precisamos compreender que as intervenções a partir das propostas pedagógicas feministas nada mais são do que estímulos, auxílios, no (re)conhecimento já existente de que essas/es oprimidas/os, em diferentes situações sociais e históricas são detentores de saberes populares, cultura, valores e que entre si podem, de forma coletiva, através de diferentes técnicas e dinâmicas, nesse caso específico das oficinas, mas expandindo-as, encontrar os mecanismos de libertação, também coletiva.

Ressaltamos a importância de se abordar a temática das desigualdades de gênero, mesmo em um espaço que se propõe a implementar uma proposta de educação libertadora, como é o caso do Desafio Pré-vestibular, pois ali também se reproduz a lógica machista, já que é um espaço social que não está descolado das relações sociais mais amplas estabelecidas na nossa sociedade.

Para tanto, precisamos seguir cada vez mais refletindo e ressignificando a educação popular e especificamente no caso do Desafio, refletindo sobre se o que entendemos por popular e emancipador, é apenas garantir o acesso das pessoas oprimidas à Universidade, ou se queremos ir além, se queremos sujeitos/as que problematizem o seu entorno e que assim modifiquem as práticas opressivas que os/as cercam.

Essa é a proposta da pedagogia feminista: fomentar o protagonismo das mulheres e o debate sobre elas na educação, produzindo uma nova perspectiva educativa inclusive, que conseqüentemente deixará de ser sexista, e edificará um enfrentamento político através da organização das sujeitas feministas, na medida em que vão se tornando livres e não mais *madresposas*.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARROYO, Miguel G. Outros Sujeitos, Outras Pedagogias. Vozes, 2012.

BRANDÃO, C. R. (Org.); STRECK, Danilo (Org.). Pesquisa participante: o saber da partilha. Aparecida: Idéias & Letras, 2006. 295p.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Paz e Terra, 2011.

RIOS, Marcela Lagarde y de los. *Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas*. 5. ed. México: UNAM, 2005

SAFFIOTI, Heleieth. O poder do macho. São Paulo: Moderna, 1987.

SAFFIOTI, Heleieth. Gênero, patriarcado, violência. São Paulo. Fundação Perseu Abramo. 2004.

SARDENBERG, Cecília. Pedagogias feministas: uma introdução. In: VANIN, Iole; GONÇALVES, Terezinha. **Caderno Gênero e Trabalho**, REDOR, p 44/57, 2006.